

NEIRA, M. G. EDUCAÇÃO FÍSICA. SÃO PAULO: BLUCHER, 2011. (COLEÇÃO: A REFLEXÃO E A PRÁTICA NO ENSINO; VOL. 8)

Pedro Xavier Russo Bonetto*

Resumo

Nos primeiros capítulos, o livro apresenta o currículo cultural da Educação Física. Entende-se Educação Física como componente da área da linguagem e as manifestações corporais como artefatos culturais elaborados por determinados grupos, detentores de marcas identitárias. Outras influências na construção desse currículo são as teorias curriculares pós-críticas e as análises dos Estudos Culturais. Nos capítulos subsequentes, o autor descreve e ilustra proposições didático-metodológicas, como os tipos de atividade (mapeamento, ressignificação, aprofundamento e ampliação, registro e avaliação) e os princípios do currículo cultural (reconhecimento da cultura corporal da comunidade, justiça curricular, descolonização do currículo e ancoragem social dos conhecimentos), em excertos de quatorze relatos de prática.

Palavras-chave: Educação Física. Currículo Cultural. Teorias Curriculares Pós-Críticas. Estudos Culturais.

O livro *Educação Física* (2011) descreve as atividades de ensino e os princípios (ou alicerces) do currículo cultural de Educação Física. De forma geral, esse trabalho já tinha sido desenvolvido em outros livros do autor. A principal contribuição do texto é exemplificar a teoria contida nos princípios e tipos de atividade do currículo cultural, a partir de quatorze relatos de prática desenvolvidos por professores do Grupo de Pesquisa em Educação Física Escolar (GPEF). A presente resenha descritiva foi elaborada da mesma forma, destaca os conceitos relacionados às atividades e os princípios exemplificando-os num recorte de um excerto contido no livro.

A obra inicia contextualizando as influências sociais, econômicas e culturais contemporâneas no currículo da Educação Física. Afirma que o currículo, em grande parcela das escolas, sofre questionamentos, dado seu caráter monocultural que privilegia os elementos provenientes da cultura dominante. De semelhante modo, a obra sustenta que uma alternativa para essa situação seria a inserção e problematização dos conhecimentos advindos das culturas subordinadas, a chamada educação multicultural. De acordo com o autor, na educação multicultural crítica, os currículos escolares não só valorizam e reconhecem as diferenças como também asseguram a diversidade cultural, superando processos discriminatórios, opressão, injustiça social e naturalização das diferenças, bem como apontando focos de resistência e de construção da identidade cultural.

O currículo cultural da Educação Física, pautado nas teorizações do multiculturalismo crítico e dos Estudos Culturais, se propõe a problematizar a cultura em que vivemos e o tipo de subjetivação promovida pela experiência

* Mestrando em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Docente de Educação Física da rede municipal de São Paulo e membro do GPEF. E-mail: pedro.bonetto@usp.br

escolar. O autor afirma que o que está em jogo é a noção de cultura. Sobre os Estudos Culturais, ele cita Hall (1997), ao afirmar que os estudos da cultura reconhecem que as sociedades capitalistas marcam divisões de classe, gênero, etnia, gerações, orientação sexual, entre outras. Dessas relações, emerge o conceito de cultura como território de luta pela significação, no qual certos grupos tentam resistir aos interesses dos grupos dominantes. A teoria de currículo que aporta o currículo cultural são as teorias pós-críticas. Na educação, tais teorias ensinam que o currículo não é um instrumento técnico, neutro ou desvinculado da construção social, antes, colocam em dúvida as noções de emancipação e libertação, além de ampliarem o mapa do poder ao incluírem processos de dominação centrados na etnia, no gênero e na sexualidade. Outro conceito importante que o autor descreve é o de identidade. Afirma que estas são produzidas nas relações entre os sujeitos e na interação entre diferentes culturas, e, por não haver consenso, são sempre relações de poder. Dito de outro modo, é fruto de processos discursivos, e, portanto, não é predeterminada, sólida ou irrevogável, já que é constantemente deslocada para toda parte.

Ainda no início do livro, o autor apresenta e descreve brevemente o campo da Educação Física, analisando-o a partir dos currículos críticos propostos por Soares e outros (1992) e Kunz (1991; 1994). Neira pretende mostrar as principais contribuições da teoria crítica e seu revigoramento pela aproximação da área com as teorias pós-críticas. Nos capítulos seguintes, o autor descreve o que ele chama de princípios do currículo cultural:

1. Reconhecimento da cultura corporal da comunidade: A partir de Corazza (2008), afirma que a escola deve promover o entendimento dos enraizamentos culturais, bem como dos processos de negação e silenciamento de determinados pertencimentos, a fim de reconhecê-los e trabalhá-los no âmbito curricular.

Como ponto de partida das ações didáticas, julguei necessário conhecer as práticas sociais pertencentes à comunidade, para que, partindo dos dados obtidos, pudesse elaborar as ações didáticas sobre a manifestação que seria contemplada nas aulas (RELATO 1).

2. Justiça curricular: No âmbito do currículo de Educação Física proposto, o autor afirma que é possível inferir que uma distribuição equilibrada das diversas manifestações da cultura corporal a partir do seu grupo social de origem, incluindo os tradicionalmente excluídos do currículo, e valorizando a pluralidade de grupos presentes na escola e na sociedade.

3. Descolonização do Currículo: Viabiliza um leque de oportunidades “diferentes”, proporcionando a participação equitativa das múltiplas identidades, aspecto central de uma escola comprometida com a apropriação crítica da cultura corporal por parte de todos os seus frequentadores. Desestabiliza a ideia de que existem culturas particulares autênticas.

Eles conseguiram perceber que ao longo desse trabalho, nós poderíamos aprender com o outro, com o par e reconhecer que essa manifestação cultural sofre alguns preconceitos por determinadas classes, e perceberam o porquê da existência de tais preconceitos, que não vem de hoje, vêm de longo período e que essas manifestações ainda são formas de resistência (RELATO 14).

4. Ancoragem Social dos Conhecimentos: Trata-se de uma séria e compromissada análise dos contextos de origem de um artefato cultural, com o objetivo de ampliar a possibilidade de compreensão e posicionamento crítico dos alunos com relação ao contexto social, histórico e político de produção e reprodução, no caso, das práticas da cultura corporal.

Em busca de resposta, recorremos ao texto “A hegemonia do automóvel”, o qual trouxe assuntos como a economia, a política, as relações de poder que estão por trás das ações que não favorecem para que a população adote a bicicleta como meio de transporte (RELATO 9).

Após dissertar e exemplificar os quatro princípios, o autor passa a descrever e mencionar o que é a tematização e os tipos de atividade do currículo cultural. Sobre a tematização, o autor afirma que se trata de uma postura contrária à lógica tecnicista, pois tematizar implica em abordar, interpretar, reconstruir, conferindo-lhes novos significados sobre o tema selecionado. Esse tema pode ser selecionado em qualquer etapa, nível ou ciclo de ensino, desde que se considere a articulação das culturas dos alunos com outros saberes como acadêmicos, senso comum, populares ou pertencentes a outros grupos.

Um dos motivos que me motivou a escolher essa manifestação foi o fato de que esses alunos ainda não haviam tido acesso a ela nos anos anteriores, o outro foi o fato já citado, de que essa manifestação é muito praticada nesse bairro, em cursos oferecidos por ONGs, por alguns pais de alunos que são mestres de capoeira, e em eventos organizados pela igreja dos quais alguns alunos tem oportunidade de participar (RELATO 8).

Sobre os tipos de atividades de ensino, o livro descreve:

5. Mapeamento, quer dizer identificar quais manifestações corporais estão disponíveis aos alunos, bem como aquelas que, mesmo não compondo suas vivências, encontra-se no entorno da escola ou no universo cultural mais amplo. Significa levantar os conhecimentos que os alunos possuem sobre uma determinada prática corporal. Portanto, durante o mapeamento, não há padrão ou roteiro obrigatório a ser seguido, os professores empreendem várias atividades.

Para iniciar o trabalho, realizei o mapeamento do entorno da escola que ofereceu informações acerca dos espaços físicos existentes, onde seria possível desenvolver trabalhos pedagógicos. Localizei três campos de futebol, o clube SESI e uma praça recentemente inaugurada com pista para caminhada, quadra brinquedos para crianças, como balanço, gaiola e escorregador (RELATO 9).

6. Atividades de Ressignificação, ou seja, atividades nas quais os alunos são convidados a produzir novos significados às práticas corporais, seja reinventando regras, adaptando formas de organizá-las, experimentar novos formatos, além de avaliar coletivamente a eficácia das próprias produções.

Durante os ensaios dos grupos, observei que os alunos extrapolaram o que eu havia solicitado o que é habitual, criando movimentos a partir das figuras. Sendo assim, orientei para que criassem, em duplas, movimentos de ataque e defesa, de qualquer natureza, da forma que quisessem (RELATO 8).

7. Atividades de aprofundamento e ampliação, o primeiro termo significa conhecer melhor a manifestação corporal objeto de estudo, procurando desvelar aspectos que lhe pertencem, mas que não emergiram nas primeiras leituras e interpretações. O segundo termo refere-se ao ato de recorrer a outros discursos e fontes de informação, preferivelmente aquele que trazem olhares diferentes e contraditórios com as representações e discursos acessados nos primeiros momentos.

Na continuidade das atividades, os alunos leram um texto sobre o estilo *psy*, que explicava como as primeiras *raves* aconteciam, como as músicas eram tocadas, quais eram os propósitos iniciais. Foi o mote para discutir as transformações nos equipamentos, que passaram do vinil a aparelhos de som e luzes digitais com diversos efeitos especiais (RELATO 3).

8. Registro e a avaliação, estes facilitam a retomada do processo para socialização, discussão em sala de aula e redirecionamento da ação educativa. A avaliação do currículo cultural também se caracteriza pela adoção de uma postura etnográfica, para além das observações, os professores registram as ações didáticas desenvolvidas, os encaminhamentos efetuados e as respostas dos educandos. Também recolhem e arquivam exemplares dos materiais produzidos pelos durante as aulas.

Infeir que os registros, feitos nas aulas, nos auxiliaram no caminhar do projeto. Por vezes esses registros dos grupos alimentaram as discussões em sala e possivelmente, construíram representações. [...] A retomada dos registros foi uma maneira de mantermos a continuidade das atividades, como também, de as crianças entenderem os apontamentos dos seus amigos e amigas, sobre o que eles pensavam e haviam observado das aulas (RELATO 6).

Nas considerações finais, cita novamente as características que fazem do currículo cultural uma alternativa para as visões tecnicistas, monoculturais e principalmente aquelas que desconsideram o conhecimento dos grupos culturais minoritários e/ou com menor prestígio. Sobre a tessitura das atividades de ensino e das aulas, o autor afirma que estas não seguem uma sequência didática preestabelecida. Tece uma comparação com o jogo de capoeira: “Tal qual um capoeirista, o currículo cultural consegue avançar sobre antigas crenças e problematizar os posicionamentos emitidos pelos estudantes com base nas próprias experiências”. Por fim, trata-se de um livro introdutório sobre as questões dos Estudos Culturais no currículo cultural de Educação Física. De leitura agradável e com conceitos pouco adensados, a obra deixa sua maior contribuição ao relacionar a teoria com os trechos dos relatos de prática. Termina-se a leitura com a boa sensação de implosão da fronteira: teoria *versus* prática.

Recebido em 28 de março de 2014.

Aprovado em 18 de abril de 2014.